

Web Revista Linguagem,  
Educação e Memória

ISSN 2237-8332

## *Representações de corpo feminino e memória em poemas de Conceição Evaristo*

Representations of female body and memory in poems of Conceição Evaristo

Thamirys Di Paula Cassiano de Matos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe a analisar representações do corpo feminino e memória em poemas de Conceição Evaristo. Para tanto, os textos escolhidos são *Eu-mulher*, *Vozes-Mulheres* e *Meu Rosário* da coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Com análise fundamentada na crítica feminista e em estudos de obras da escritora em questão, constatou-se que neles a escrita autoral apresenta o universo de experiências da comunidade afro-brasileira, focalizado principalmente nas experiências das mulheres negras, com tons de denúncia das injustiças sociais, dos indícios da complexidade de esquemas corporais produzidos em ambientes marginalizados, bem como a valorização da memória e identidade afro-brasileira com intuídos de levante e esperança nas gerações futuras seja como um coletivo, seja como narradoras de si.

**Palavras-chave:** Literatura Afro-brasileira; Mulher negra; Corpo; Memória.

**Abstract:** The article aims to analyze representations of the female body and memory in poems by Conceição Evaristo. Therefore, the chosen texts are *Eu-mulher*, *Vozes-Mulheres* and *Meu Rosário* from the collectane a *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Based on feminist criticism and studies on the writer in question, it was found that in them the authorial writing presents the universe of experiences of the Afro-Brazilian community, focused mainly on the experiences of black women, to denouncesocial injustices, evidence of the complexity of body schemes produced in marginalized surroundings, as well as the valorization of Afro-Brazilian memory and identity to raise and hope for future generations, either as a collective or as self-narrators.

**Keywords:** Afro-brazilian literature; Black woman; Body; Memory

---

<sup>1</sup> Mestra em Antropologia pela Universidade Federal do Pará e especialista em Cultura e Literatura pela Faculdade Educacional da Lapa - Brasil. É professora de Língua e Literatura Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Pará. E-mail: [thamirys.dipaula@yahoo.com.br](mailto:thamirys.dipaula@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

Nos recentes estudos literários, um campo de estudos interdisciplinar abre margens para análises voltadas para o estudo de criações literárias que de certa forma se relacionam com simbologias e subjetividades de categorias como corpo e memória. Nesse sentido, este estudo, fundamentado com as teorias da crítica feminista entre outras referências, tem por objetivo analisar questões que envolvam representações do corpo da mulher negra e recortes da memória individual e coletiva em produções da Literatura Afro-brasileira. Para tanto, o *corpus* desta análise serão os poemas *Eu-mulher*, *Vozes-Mulheres* e *Meu Rosário*, produções do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo.

As principais referências teóricas para este estudo foram as leituras de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), que discute o conceito de subalterno; as pesquisas de Elódia Xavier (2007), com questões de representação do corpo feminino na literatura; *Maurice Halbwachs* (1968), que desenvolve reflexões sobre memória em *Memória Coletiva*; Frantz Fanon (2008), com o estudo a respeito do sujeito colonizado e colonizador, na constituição do discurso de poder sobre o *outro*, tratando da relação da “mulher de cor” e o homem branco; Bell Hooks (1995), ao discutir o papel da intelectual negra na sociedade atual.

A escolha do tema se justifica pelo intuito de contribuição para a desconstrução discursiva da condição histórica do negro que ficara marginalizado e subalternizado na Literatura Brasileira. Questiona-se a posição de subalternidade da mulher negra na sociedade brasileira ao sofrer com o racismo e o sexismo velado, que ocorrem devido a conflitos identitários e existenciais representados através do corpo e que se tornam tema de poesia e desejo de ruptura com tradições literárias, que em outras épocas sequer lhes concederam representação como heroínas ou musas, distintamente, da valorização que deram às mulheres brancas como personagens e muito menos o espaço social de escritoras publicamente reconhecidas.

Além disso, verifica-se que ainda hoje é fortemente marcada, na literatura e sociedade em geral, a negligência com a escrita da mulher negra, que por muito tempo ficou fadada a uma produção invisibilizada e esquecida no rol de uma literatura não canônica. Contudo, aos poucos as mulheres negras vêm conquistando espaço no cenário artístico e intelectual; Conceição Evaristo é exemplo disso na literatura e produção crítica brasileira.

Trabalhar com conceitos de memória no intuito de agregar conhecimentos às lacunas presentes nos estudos ainda a se realizar sobre a memória coletiva de parte da

sociedade e para os estudos em formação da literatura considerada afro-brasileira justifica-se pela ciência do quão indispensável é tal categoria à reconstrução de uma identidade nacional e atualização de impressões e informações passadas para recomposição de caminhos da história da humanidade e da literatura.

### 2 Autorias feminina e afro-brasileira

Desde a década de 1960, ao desenvolver-se o pensamento feminista, surgem estudos sobre a questão da mulher em diversos campos do saber, como nas Ciências Sociais, na Psicanálise, na História, na Antropologia e também na Literatura e Crítica Literária. No cenário internacional, registram-se pesquisas com o papel de questionar práticas acadêmicas patriarcais e diferenciar-se de discursos essencialistas relacionados a esse gênero. Nessa linha destacam-se publicações como *A mística do feminino*, de Betty Friedan (1963), e *O pessoal é político*, de Carol Hanisch (1969). Portanto, até chegar ao atual espaço de debates e questionamento, muitas escritoras ficaram às margens dos cânones literários.

Os anos 1970 voltaram sua atenção especificamente para a produção literária das mulheres, buscando reconhecer a identidade feminina presente (ou ausente) em suas criações, o que determinou a difusão da crítica feminista (ZILBERMAN, 2013, p. 20-21), como o trabalho de Ria Lemaire (1987, p.54) sobre autoria feminina na literatura de língua galaico-portuguesa produzida durante a Idade Média. Esses estudos constataram que a experiência da mulher enquanto escritora e leitora diferencia-se da masculina, promovendo mudanças no meio intelectual com uma quebra de paradigmas e abertura de novas perspectivas.

Ao discutir a autoria feminina, Constância Lima Duarte (1997) rememora vários exemplos de escritoras, artistas e intelectuais, como Vivien Haigh Eliot, Emily Dickinson, Auta de Souza, entre outras, que tiveram seu trabalho e talento ofuscados pela ação ou crítica de algum homem ou homens e pela recusa social da concorrência feminina, mostrando de inúmeros “casos semelhantes que testemunham as dificuldades e as tentativas das mulheres ao longo da história, para serem consideradas escritoras e, assim, integrarem o cânone literário” (DUARTE, 1997, p. 85).

Na década de noventa, Bell Hooks (1995) relatava que, recorrentemente, quando questionava suas alunas sobre intelectuais negros sem especificar a referência de gênero,

elas tendiam a citar nomes de homens e, ao especificar, “após longa pausa começavam a citar escritoras negras contemporâneas famosas em geral Alice Walker ou Toni Morrison. Vez por outra aparece na lista o nome de Ângela Davis. Não conhecem a obra das intelectuais negras do século XIX” (HOOKS, 1995, p. 467).

Em consonância com o contexto norte-americano, num estudo de pesquisadoras brasileiras, intitulado “Escrita de autoria feminina negra: reflexões sobre sua importância e inserção no campo educacional”, Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza e Jailma dos Santos Pedreira Moreira (2012) afirmam que no caso de escritoras mulheres e negras, além do gênero, a categoria raça também é mais um fator de exclusão. “Ainda pode-se atrelar a esses dois fatores a questão da classe social. Desse modo, a mulher negra e pobre é triplamente marginalizada, discriminada, excluída” (SOUZA; MOREIRA, 2012).

Em outro artigo, Souza e Moreira (2015, p. 16) dissertam a favor da mudança da recorrente ausência de escritoras negras no referencial curricular nas escolas de ensino básico e até nos cursos de nível superior em universidades como a Universidade do Estado da Bahia, um dos campos de pesquisa das autoras. Nesse texto citam nomes de escritoras negras sobre as quais fizeram um levantamento bibliográfico no período de 2010 a 2012:

Alda do Espírito Santo; Alda Lara; Aline França; Alzira dos Santos Rufino; Anajá Caetano; Antonieta de Barros; Auta de Souza; Carolina Maria de Jesus; Cidinha da Silva; Conceição Evaristo; Cristiane Sobral; Eliana Vieira; Eliane Rodrigues da Silva; Eliete Rodrigues da Silva; Esmeralda Ribeiro; Geni Guimarães; Heloisa Pires; Jussara Santos; Maria de Lourdes Teodoro; Maria Firmina dos Reis; Maria Helena Vargas; Maria Nilda de Almeida; Miriam Alves; Noémia de Souza Soares; Ruth Guimarães e Sônia Fátima da Conceição. (SOUZA e MOREIRA, 2015, p. 16)

Dessas, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são nomes que atualmente são citados mais frequentemente na crítica literária sobre Literatura Afro-Brasileira. As duas primeiras são indicadas como referências das letras e como parâmetro, uma vez que trazem na sua escrita a herança de ancestrais para novas escritoras. Contemporaneamente, Conceição Evaristo, assim como outras escritoras, apresenta certa intertextualidade com a escrita daquelas, não apenas na sua produção como poeta, como também na sua escrita como crítica literária.

Liliane Moreira Monteiro, no artigo “A representação da mulher negra na Literatura Brasileira” (2014), sintetiza que há pelo menos duas vertentes de discussão para se pensar a mulher negra no contexto da Literatura Afro-brasileira, uma que abrange a pesquisa sobre

as próprias mulheres negras que produzem literatura, e ao mesmo tempo reescrevem na história; e outra que compreende os estudos da representação dessas mulheres na literatura.

Neste estudo, considera-se uma escritora negra, Conceição Evaristo, que traz como marca do seu fazer literário ambas as vertentes, pois, como teórica, pesquisa a escrita das mulheres negras, e, como poeta, produz literatura, reescreve a história de suas ancestrais e representa as mulheres negras em seus romances, crônicas e poemas.

Ela assume a herança da escrita de outras escritoras que a antecederam e assim se explica: “E em nossa fala, em nossa escrita, há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação. Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos” (EVARISTO, 2009, p. 10). Essas explicações estão na base do seu projeto literário, o qual chama de “escrevivência”, isto é, a escrita que nasce do cotidiano, das reminiscências, das vivências da própria autora e do seu povo, com uma perspectiva particular oriunda da experiência de ser uma mulher negra. O que em parte se traduz nas temáticas dos poemas que serão analisados e, muitas vezes, assemelha-se aos projetos estéticos de outras autoras da Literatura Afro-brasileira.

### 3 Noções sobre corpo e subalternidade

Corpo como categoria interessa a estudos de diversas áreas de conhecimento, compreende vários significados, da Medicina à Antropologia, das Ciências Sociais às Artes, da Filosofia à Literatura. Cada campo soma interpretações do que pode significar o termo e o que abrange suas representações. Noções que se reproduzem além das particularidades são ideias de algo que oferece visibilidade, materialidade, conjunto ou fragmentações, simbologia e identidade.

O discurso filosófico de Michel Foucault (1969-1979), por exemplo, fala em mecanismos de disciplinamento social e de como relações de poder penetram e exercem a sua ação sobre os corpos. A teoria de Judith Butler (1990) considera que a fronteira e a superfície dos corpos são politicamente construídas e traz a categoria para discussão sobre rupturas com conceitos binários de gênero e identidade.

As reflexões de Spivak (2010) compreendem que o sujeito feminino, como sujeito subalterno num contexto colonial e conduzido pela ideologia de gênero, que promove a dominação masculina, não pode falar. A mulher vive num limiar de subalternidade ainda

mais complexo que o homem subalterno, porque a ela não é atribuído valor algum. A historiografia demonstra o recorrente silenciamento e subjugação que lhe foram impostos.

Estudos voltados para a representação de personagens femininos inseridos em obras da Literatura Afro-Brasileira apontam para a relação entre motivação criativa e representações de corpo. Críticas sobre obras que compõem o cânone da Literatura Brasileira, no entanto, demonstram que, quando se trata de mulheres negras, a representação literária, frequentemente, retrata imagens de seu passado escravo, de um corpo que cumpria sua função de força de trabalho, de corpo-procriação, ou corpo objetificado para o prazer. Indicam que “[m]uitos autores homens – negros e mulatos – criaram personagens negras, porém poucas foram protagonistas” (FILHO; LOPES, 2018, p. 316).

Conceição Evaristo problematiza momentos fundadores da Literatura Brasileira, ao frisar que em obras como *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, a possível representação de uma mulher negra é substituída pela criação de uma personagem descrita como “mulata, quase branca, educada pela sinhá, que lhe transmite todos os valores de uma educação européia” (EVARISTO, 2009, p. 23), em personagens como Rita Baiana de *O Cortiço* (1980), escrito por Aloísio de Azevedo e na protagonista de *Gabriela, cravo canela* (1958), obra de Jorge Amado, a figura negra feminina é retratada como possuidora de uma sexualidade perigosa e naturalmente avessa a normas sociais

A ensaísta argumenta que as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação ao revelar um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido, ou seja, na reflexão da autora não é possível separar a experiência da escrita literária das experiências vividas como mulher e negra.

Outra vez sugere seu conceito chave, *escrevivência*, quando afirma: “Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.” (EVARISTO, 2009, p. 18)

Elódia Xavier (2007), ao se valer do conceito de subalterno<sup>2</sup>, relaciona a ideia de corpo na representação do feminino na Literatura Brasileira, cria uma espécie de “tipologia

---

<sup>2</sup> De acordo com Spivak o termo subalterno deveria ser reintegrado ao significado atribuído por Gramsci, para quem o termo se referia ao proletariado, ou então, remete aos cuja voz não pode ser ouvida, com essa linha de orientação, ela argumenta que o conceito de subalterno descreve “as camadas mais baixas da

do corpo”, não chega a formular conceitos, esses ficam subtendidos nas análises dos textos literários tomados como fonte. Ao citar as obras de Carolina de Jesus e de Wanda Fabian, exemplifica personagens representantes do “corpo subalterno” como “mulheres que permanecem em ‘segundo plano’ na sociedade e ocupam um lugar de subalternidade, seja esse lugar econômico, da indigência social, ou no microcosmo familiar” (PEREIRA, 2007, p. 212). A partir de personagens de narrativas ficcionais da década de 90, ilustra a ideia de “corpo liberado”, expressão do desejo de as mulheres liberarem-se sexualmente e tornarem-se sujeitos de sua própria história.

A noção de corpo empregada neste artigo, portanto, relaciona-se com sua materialidade e visibilidade, também, na sua subjetividade social e culturalmente construída na maioria das vezes em que for tomada como elemento de análise.

### 4 Abordagens e conceitos de memória

Outro conceito chave para este estudo é o de memória. De acordo com Maurice Halbwachs (2006), trata-se de construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. O sociólogo perpassa por uma reflexão da categoria em seu aspecto individual quando remete ao caráter psicológico, é automática a ideia de que relembrar de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator que testemunha fatos, enquanto ao seu caráter coletivo relaciona ao grupo e como cada componente desse grupo com ela se identifica.

Le Goff é outra importante referência para a fundamentação de análise literária, visto que o historiador põe em debate a questão de como os dominadores se tornaram senhores da memória em meio à luta das forças sociais pelo poder e como: “[...]Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1994, p. 426), como relatam registros sobre atravessadores dos povos africanos que buscavam separar grupos falantes da mesma língua, visando a estratégia contra problemas de acordos de fugas e apagamento dessa memória.

Soma-se a esses a pesquisa antropológica de Ecléa Bosi, que em muito conversa com a produção literária de escritoras de narrativas memorialistas e volta-se para um estudo

---

sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12).

sobre a memória dos velhos, em cuja argumentação defende que na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, é refletir, e buscar “a compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição” (BOSI, 1983, p. 17).

A antropóloga e integrante do Movimento Negro Zélia Amador de Deus, ao refletir sobre o corpo negro como marca identitária na diáspora africana no contexto das Américas, disserta sobre a importância da memória levada com esses povos que servira como instrumento de resistência e sobrevivência. Ela afirma:

Entretanto, uma vez instalados em quaisquer dos continentes, por mais que as tradições fossem represadas ou aniquiladas, pela cultura hegemônica, os descendentes de africanos davam início a um processo de criação, invenção e re-criação, da memória cultural para preservação dos laços mínimos de identidade, cooperação e solidariedade. Nesta rede de interação, as múltiplas culturas africanas que se espalharam pelo mundo, preservaram marcas visíveis dos traços africanos. Marcas que exerceram importância fundamental para que esses africanos e seus descendentes realizassem sua reconstrução pessoal e coletiva. (AMADOR DE DEUS, 2012, p. 65)

Essas referências dialogam com a noção de memória vista em Conceição Evaristo (2008), tanto na sua escrita poética, quanto na sua crítica literária, quando ela disserta que, no conjunto de obras da Literatura Afro-brasileira, há uma série de escritos que fazem oposição à chamada história oficializada, ao apresentar um sujeito autoral que assume um discurso coletivo de um grupo disposto a criar universos de discursos com significados próprios, com perspectiva própria e numa proposta de contra discurso literário aos estereótipos dentro da Literatura Brasileira.

### 5 Corpo e memória em poemas de Conceição Evaristo

Maria Conceição Evaristo, mineira, nasceu em Belo Horizonte no ano de 1946. Migrou para o estado do Rio de Janeiro na década de setenta. É graduada e pós-graduada na área de Letras pela UFRJ e PUC - Rio, onde pesquisa as relações entre a Literatura Afro-brasileira e as Literaturas Africanas de língua portuguesa. Trabalhou em escolas de rede pública e privada no Rio de Janeiro e participa ativamente de movimentos da valorização da cultura negra.

Poetisa, ensaísta, romancista e contista; estreou como escritora quando publicou pela primeira vez seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Em 2003, publicou seu primeiro romance, *Ponciá Vivêncio*, pela editora Mazza, de Belo Horizonte. Posteriormente,

lançou o segundo livro, outro romance, *Becos da memória*, em 2006. Desde então, os textos de Evaristo vêm angariando cada vez mais leitores, até participou de publicações coletivas na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Depois dos primeiros romances, além de publicações como crítica da literatura, já publicou as obras literárias: *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de Leves Enganos* (2016).

Nos versos dos poemas de Conceição Evaristo, vemos, de diversas maneiras, a representação do corpo da mulher marcado pela escravidão e pela subalternidade. Entretanto, também se observa um contradiscurso da mulher negra memorizada no papel de matriarca e força-matriz da família negra, diferentemente do que por muito tempo ficou invisibilizado na Literatura Brasileira.

Em relato autobiográfico, reflete sobre seu trabalho com a escrita na inspiração cotidiana que teve em Minas Gerais, nas lembranças, que segundo ela, são advindas da “pele memória”, da história passada presente e futura que existe marcada, sobretudo, pela insistência e pelas dores vivenciadas<sup>3</sup>.

O livro de poesias, onde estão publicados os poemas escolhidos para análise, oferece mostras de temáticas como a herança ancestral, afro-cultural e materna, a evocação de criaturas e memórias com experiências subalternas, diálogos entre recordações do passado e experiências do presente, o universo feminino da fertilidade, comunicadas com um tom de discurso, por vezes, filosófico-existencial, ao mesmo tempo, metalinguístico ao refletir sobre o próprio ofício com a escrita e seguindo a função de denúncia das injustiças sociais que a literatura pode assumir.

Nesse sentido, se configura nos versos do poema *Eu-Mulher* “uma rasura defronte a negação, em nossa sociedade, da representatividade da mulher negra enquanto núcleo de sua descendência” (BISPO; LOPES, 2008, p. 192-193). Desde os primeiros versos ficam implícitas marcas corporais, imagens de um corpo feminino que vai se desenhando (“seios”, “pernas”, “boca”). A menção às palavras “leite” e “sangue” pode ser lida como símbolo da fertilidade feminina. “Meia palavra mordida” significaria a dor de quem está

---

<sup>3</sup> Ver imagem de documento sem data, escrito por Conceição Evaristo, sobre a sua trajetória pessoal e profissional. Disponível: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> Acesso em 17.06.2021.

prestes a gerar. A ruptura com a negação da maternidade da mulher negra é introduzida na primeira estrofe:

**Eu-mulher**

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.  
(EVARISTO, 2017, p. 22).

Pode-se ler no projeto literário de Evaristo, pautado numa leitura comparada, imagens semelhantes às relatadas por Ângela Davis (2016) ao explicar que no contexto histórico de escravidão estadunidense, em algumas fazendas, “as mulheres deixavam seus bebês aos cuidados de outras crianças pequenas ou escravas mais velhas, fisicamente incapazes de realizar o trabalho pesado da lavoura”, isso quando não levavam as crianças amarradas nas costas, ou as deixavam próximas enquanto trabalhavam na lavoura e quando: “Impossibilitadas de amamentar ao longo do dia, elas suportaram a dor causada pelo inchaço das mamas [...]” (DAVIS, 2016, p. 26).

Davis (2016) ainda explica que “(a) exaltação ideológica da maternidade - tão popular no século XIX - não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães, eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava”, ou seja, elas eram vistas apenas como animais, avaliadas pela capacidade reprodutiva que possuíam de aumentar a mão de obra com os filhos que tivessem.

O que Davis analisa em investigações histórico-filosóficas está, também, entre as temáticas de interesse de Evaristo em seus ensaios críticos sobre literatura brasileira e nas inspirações da sua escrita poética.

Os versos seguintes reforçam a temática da fertilidade feminina, concomitantemente, há a confissão de certo otimismo com o por vir e destaque para a importância maternal da mulher negra num presente marcado pelos tempos verbais usados ao longo do poema, no entanto, há um passado implícito da narrativa diaspórica, simbolicamente, lembrada na hipérbole “rios vermelhos” e no uso do advérbio “antes”. As palavras também evocam o sentido da visão chamada pelo destaque da cor (vermelhos), conjuntamente, ao chamado da audição nos versos da próxima estrofe, na qual, o jogo com

o prefixo “ante” enfatiza o valor contranarrativo e precursor das atitudes assumidas pelo “eu-mulher”:

Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.

Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo  
(EVARISTO, 2017, p.22).

A própria Conceição Evaristo, em seu ensaio *Dos sorrisos, dos silêncios e das falas* (2009), indica que há uma diversidade de material, seja escrito ou em imagens, que apresentam as mulheres negras no papel da mãe-preta, da ama-de-leite, da babá. Porém, a mulher negra é destituída da função de matriarca e força geradora da sua própria família: “[...] na literatura brasileira, ao longo dos tempos, a mulher negra não surge representada como mãe, musa ou heroína romântica” (EVARISTO, 2009, p. 8), pois esse papel ficou por muito tempo designado, nos livros, apenas às mulheres brancas.

Desse modo, quem sabe o “inauguro a vida” faça não apenas referência à esperança de condições sociais mais dignas aos filhos descendentes das mulheres negras, como também, em um chamado para representatividades tanto em personagens femininas, quanto no trabalho com a linguagem de novas gerações de escritoras negras.

Nos últimos versos, a mensagem é de um manifesto poético contra a voz abafada, revigorado numa escrita que reconta a literatura através da história afro-brasileira, recolhido das narrativas de mulheres negras, cujos corpos adquirem outra imagem, não apenas do corpo violado e marcado pelas dores vivenciadas, mas também como aquele que fora e é a força contínua e geradora que movimenta o mundo.

Antes - agora - o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
motor-contínuo  
do mundo.  
(EVARISTO, 2017, p.22).

Em *Eu-mulher*, a expressão do eu lírico transparece de modo mais intimista na experiência particularizada do *eu*, é figurada em anáforas e fonemas que remetem à

sonoridade de uma única voz sussurrada que perpassa experiências refletidas sobre um: passado (antes), presente (agora) e futuro (o que há de vir).

Em *Vozes-Mulheres*, poema do mesmo livro, a subjetividade deste universo feminino parece conotar-se não mais de uma única fala, mas de um coro referenciado pela voz do eu lírico, quando parte de uma memória inicialmente individual para uma menção a uma memória coletiva por meio do uso de um substantivo composto e no plural a servir como título, e, na recorrência de paralelismos nas estrofes a indicar gerações distintas de mulheres. Além disso, menciona, implicitamente, o passado histórico da diáspora e escravização da mulher negra. O corpo feminino, mais uma vez, aparece num jogo de palavras que se contrapõem ora na menção de corpos subalternos (mulheres negras contra os dominadores “homens brancos/ donos de tudo”), ora como corpos em busca de liberação e resistência, como se pode observar nos versos:

### Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
(EVARISTO, 2017, p. 24).

Assim como no poema anterior, *Vozes-mulheres* também conecta uma ponte literária entre passado e presente, entre o antes e o agora e ao fim deixando um viés de questionamento quanto ao futuro, geralmente desejado com esperanças de dias melhores. Todavia, na maioria dos versos, ainda se vê mais referência a uma continuidade de subalternidade do corpo negro, atravessando gerações (“avó”, “mãe”, “eu”, “filha”) e deixando transparecer a memória coletiva da dominação ao qual ficaram sujeitas as afrodescendentes, mesmo após anos da dita abolição que deixará como sequelas à problemática do racismo, da violência e dos lugares marginalizados aos filhos e filhas dessas gerações.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas

roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

(EVARISTO, 2017, p.24).

Os versos de Conceição Evaristo descrevem lugares menos favorecidos, os quais ficaram destinados a muitos dos descendentes afro-brasileiros (“as cozinhas alheias”, “a favela”), as situações que não estão muito longe das mazelas da escravidão de outrora (“sangue” e “fome”) isto é, a violência e a pobreza que persistem a afligir particularmente um povo subalternizado. Contudo, a inovação da escrita da poeta é que seu eu lírico vai além dos lamentos com as memórias das derrotas e opressões do passado e sentidas ainda no presente. A voz apresentada no título e em cada verso, ao lado da referência às gerações de mulheres negras, de certo modo, rompe até mesmo com a questão da subalternidade do lugar de fala que lhes era negado:

Com isso, a escritora consegue dar voz a quem foi socialmente oprimido, e por consequência ignorado da historiografia literária, seja em termos de autoria ou de representação. A distribuição editorial das obras ficcionais de Evaristo também demonstra uma preocupação com a ampliação da diversidade no que se refere aos eixos sociais que são negligenciados pelas grandes editoras, se autoafirmando como literatura de autoria feminina negra. (LIMA; MELO, 2018, p. 300)

Evaristo cria, em seus versos, corpos subalternos capazes de falarem por si, aquelas que mais ficaram à margem na nossa história enquanto nação – as mulheres negras – que, por serem mulheres e por serem negras, tiveram (têm) um duplo motivo de subalternidade num sistema como em qual vivemos. Esses aspectos, entretanto, lançam, nas linhas seguintes, os sinais de esperança numa nova geração de filhas, mulheres negras que não aceitaram mais ficar caladas, que no desejo do eu lírico criado por Evaristo terão ressonância em busca de uma “vida-liberdade”, quiçá um “corpo liberado”:

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si

a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.  
(EVARISTO, 2017, p. 24-25).

Com outras simbologias, no poema *Meu rosário*, Conceição Evaristo faz referência à cultura e religiosidade afro-brasileira por meio de elementos como “Mamãe Oxum” e “longínquos batuques”, novamente revivendo uma memória coletiva descrita como “mal-adormecida”. Traz também a simbologia da infância como signo que remete ao passado, tema recorrente também na escrita da poeta.

### Meu Rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.  
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo  
padres-nossos, ave-marias.  
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do  
meu povo  
e encontro na memória mal-adormecida  
as rezas dos meses de maio de minha infância.  
(EVARISTO, 2017, p. 44).

A citação de elementos da religiosidade cristã nos versos abaixo remonta à aculturação pela qual o povo negro passou ao longo dos anos, assimilando a religiosidade que originalmente fora do outro. Ao mesmo tempo, aponta o papel de subalternidade imposto às meninas negras que, por serem negras, têm seus corpos impedidos de ficarem aos lugares de destaque reservado às meninas brancas na coroação da “Senhora”.

As coroações da Senhora, onde as meninas negras,  
apesar do desejo de coroar a Rainha,  
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar  
lançando flores.  
(EVARISTO, 2017, p. 44).

Mais adiante, o eu lírico aborda a imagem de um “corpo subalterno” na indicação de “calos nas minhas mãos” que se estendem em situações que relembram a imposição da mulher negra no mundo do trabalho em posições de opressão. E com a significação da expressão “vidas-blasfemas” a noção de vida como oração, poderia fazer alusão ao sofrimento do povo negro e ao mesmo tempo a resistência perante a dominação e aculturação pelo outro.

As contas do meu rosário fizeram calos  
nas minhas mãos,

pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,  
nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.  
As contas do meu rosário são contas vivas.  
(Alguém disse que um dia a vida é uma oração,  
eu diria porém que há vidas-blasfemas).  
(EVARISTO, 2017, p. 44).

Os próximos versos evidenciam a aspiração de sonhos, do desejo de corpos liberados das “visíveis e invisíveis grades”. Ao mesmo tempo, a escrita de Conceição Evaristo aborda temas como a fome, a dor, a subordinação e o esvaziamento do corpo. Também, configura a luta e a esperança que acalentam no embalo as dores expressidas pelo eu lírico feminino e negro:

Nas contas de meu rosário eu teço intumescidos  
sonhos de esperanças.  
Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos  
por visíveis e invisíveis grades  
e embalo a dor da luta perdida nas contas  
do meu rosário.  
(EVARISTO, 2017, p. 44)

A perspectiva do poema redesenha as lutas, a opressão. Nas linhas mais à frente a indicação à noção de “corpo subalterno” fica mais enfática em expressões que remetem literalmente a partes de um corpo humano (“estômago”, “coração”, “cabeças”), e, ao mesmo tempo, a invisibilidade e visibilidade que o grupo de sujeitos que o eu lírico representa e descobre reais são mencionadas. A configuração de uma memória coletiva levantada por esse corpo que, apesar de toda a luta contra um esvaziamento de si e de sua cultura e passado, traz ao centro uma tarefa de resistência e desafio:

Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.  
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome  
No estômago, no coração e nas cabeças vazias.  
Quando debulho as contas de meu rosário,  
eu falo de mim mesma em outro nome.  
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,  
vidas que pouco a pouco descubro reais.  
(EVARISTO, 2017, p. 45).

E esse desafio se configura na própria escrita literária desenvolvida por uma escritora que é uma mulher negra escrevendo num mundo e em um ambiente profissional que fora idealizado em um histórico com colonização de homens brancos.

Evaristo se guia por uma vereda de compromisso e inspiração com a Literatura que poderia muito bem comparar-se a alguns pontos da reflexão que Frantz Fanon ensaia em sua célebre obra *Pele negra, máscaras brancas*: “Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu

corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas[...]” (FANON, 2008, p. 105).

Assim como o ensaísta, a poeta inspira-se na reflexão sobre noções como ancestralidade, corpo e etnia. Contudo, a perspectiva dela revela um tom mais otimista de quem reconhece as dificuldades na elaboração de um “esquema corporal”, mas busca ir além da negação diante do mundo, ao trabalhar a escrita como uma forma de negociar continuamente modos de resistência diante dos impedimentos sociais.

O “corpo subalterno” se torna o “corpo-caminho” que guia a escrita de uma Literatura Afro-brasileira contemporânea e finalmente o “corpo invisibilizado” é encontrado pelo próprio eu lírico que se dá um nome sugestivo e recorrente na história de muitas mulheres negras na sociedade brasileira: Maria, nome que veio junto com a religiosidade cristã imposta. “O meu rosário”, a memória individual e coletiva resgatada pela escritora se torna matéria para sua temática poética e para reconhecimento de si própria transmitido pelo eu lírico:

Vou e volto por entre as contas de meu rosário,  
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.  
E neste andar de contas-pedras,  
o meu rosário se transmuda em tinta,  
me guia o dedo,  
me insinua a poesia.  
E depois de macerar conta por conta do meu rosário,  
me acho aqui eu mesma  
e descubro que ainda me chamo Maria.  
(EVARISTO, 2017, p. 45).

*Meu rosário*, assim como os poemas anteriores, apresenta não apenas as representações do corpo e memória do universo feminino, como também a autorrepresentação de mulheres negras e afro-descendentes para a Literatura Brasileira. A voz autoral de Conceição Evaristo demarcada por declarações de seu pertencimento sociocultural abre espaço para que vozes anteriormente negligenciadas sejam ouvidas.

O lugar de fala da escritora, bem como a análise da produção literária dela indicados neste artigo atualizam e dialogam muito bem com as ponderações históricas e antropológicas de Amador de Deus (2011), quando esta argumenta:

[...] O corpo negro carrega consigo a história de muitos povos. No corpo de cada um de nós, onde quer que estejamos, existem muitas histórias nele gravada, que pode ser tanto uma história de negação, quanto uma história de luta de

resistência, o que nos incumbe de uma grande responsabilidade, porque não é só a nossa história individual que estamos construindo (DEUS, 2011, p. 4-5)

Conceição Evaristo, também ciente dessa importância significativa dos corpos negros como elementos que contam histórias, apresentam a luta, a resistência e força criativa desses povos, e, assim, ressignifica a literatura escrita em Língua Portuguesa.

A apresentação de um propósito com a escrita literária insinua-se numa breve intertextualidade que alude ao poema *No meio do Caminho*, de Carlos Drummond, diante da simbologia da relação entre as palavras “pedra” e “caminho”, que também aparecem nos versos de *Meu Rosário* ao acrescentar a essa imagem relacional a palavra “contas”.

Enquanto o eu-lírico modernista confessa o cansaço, na expressão “retinas tão fatigadas”, diante do obstáculo simbolizado pela “pedra no meio do caminho”, a voz-lírica nos versos da poeta revela motivações de escrita encontradas nos conflitos existenciais, nas marcas adquiridas por duras experiências vividas na subjetividade do corpo.

Feita análise dos três poemas escolhidos, pequena amostra de anos de trabalho com a escrita por parte da poeta, observa-se a busca de autorreconhecimento coletivo de lugares, pessoas, memórias que transpassam realidades e demandas sociais, as quais representadas na literatura, fonte de conhecimento e sensibilização, que nas mãos de Evaristo tornam-se matéria de uma literatura mais engajada socialmente.

### 6 Considerações finais

Ainda neste século, estudos da Literatura Brasileira questionam a presença ou ausência da autoria feminina no cenário de publicações do cânone nacional, tal como fez Regina Dalcastagnè ao demonstrar no período de seu estudo que “80% dos personagens da literatura nacional são brancos” e ao indicar que entre os escritores pesquisados, “165 escritores diferentes, sendo que os homens representam 72,7% do total dos autores publicados. Mas a homogeneidade racial é mais gritante: são brancos 93,9% dos autores e autoras estudados [...]” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 89).

Todavia, é perceptível que a representação da mulher na Literatura Brasileira tem conquistado espaço próprio, produzindo com a escrita feminina, uma literatura com novas perspectivas e novos pontos de vista.

No cenário de editoração nacional, é relevante observar como a trajetória de publicações de Conceição Evaristo fora marcada por uma série de dificuldades de financiamento, feitas em parte com investimento de recursos próprios, tendo apoio em redes interpessoais com outras mulheres negras e intelectuais a administrar novas editoras, e, motivada a contribuir politicamente com o fortalecimento desses grupos de intelectuais e escritoras, informações que a escritora frequentemente relata em eventos de cunho cultural e literário.

Em Poemas da recordação e outros movimentos, de texto a texto, assim como nos três selecionados, uma análise pautada em conceitos como corpo e memória são chaves de leitura direcionadas pela escolha vocabular, temática e imagética da escritora, que poderiam render outras análises a partir da interpretação de outros poemas deste mesmo livro, ou mesmo da escrita nas suas outras obras nas quais se sobressaia prosa.

Nos poemas analisados, o eu lírico, num caminho de oralidade e reminiscência, configura situações demarcadas por elementos como corpo e memória. De modo que o corpo representa a dimensão subjetiva da existência da mulher negra como símbolo da matriz matriarcal que demarca parte da formação histórica da sociedade brasileira. Nesse recorte de análise, por vezes corpo também se configura símbolo poético da fertilidade e força criativa feminina, não apenas no sentido biológico, como também, artístico-literário, capaz de reescrever histórias por meio da linguagem literária.

A memória funciona como recurso estético e indica uma construção lírica de fraternidade e resistência. Denúncia as adversidades e injustiças sociais sofridas em corpos ora subalternizados, ora instrumentos de luta e busca por libertação, que resgatam a memória individual, mas também a coletiva, que reforçam o pertencimento à comunidade afro-brasileira e narrativas que se desviam de estereótipos e servem como via de luta e produção literária.

As reflexões postas nesse texto podem encaminhar outras demandas acadêmicas para o estudo das obras de Conceição Evaristo voltadas para debates sobre literatura nacional, análises relacionando às noções de memória e corpo às questões como gênero e etnia, cânone e literatura engajada, estudo da reflexão autoral e metalinguística da criação literária.

Os conceitos de memória e corpo assim como serviram a essa breve análise de três poemas, podem, muito bem, ser chaves de leitura de produções de outras escritoras,

inclusive, representantes da Literatura Afro-Brasileira e abrir espaços para outras vozes literárias.

Os desdobramentos desta leitura podem servir como mais um instrumento de conhecimento e inserção cada vez mais frequente de obras, como as de Evaristo, em programas de leitura em todos os níveis de ensino no país. Poderia inspirar temáticas para ser trabalhadas em projetos que objetivassem aproximar e transmitir as narrativas literárias, principalmente, àquelas que são representadas na sua poesia e, por vezes, não estão em ambientes escolares ou universitários, ao utilizar o conhecimento acadêmico relacionando narrativas orais, memória, representatividade às produções culturais e valorização das identidades e autoestima de mulheres negras.

## Referências

BISPO, Ella Ferreira e LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Escrivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. *Revista Língua & Literatura*, v. 35, n. 20, p. 186-201, jan./jun. Frederico Westphalen: Departamento de Linguística, Letras e Artes da URI, 2018.

Disponível:<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2598>  
Acessado em 01/10/2020.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEUS, Zélia Amador. Espaços africanizados do Brasil: algumas referências de resistências, sobrevivências e reinvenções. *Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território*, v.3, n.2, p. 63:76  
ISSN: 2177-436659. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i2.15443>. Brasília: Departamento de Geografia da UNB, 2012.

Disponível:<http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/viewFile/148/113>  
Acessado em 16/06/2021.

DEUS, Zélia Amador. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. In: XI *Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)Igualdades*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

Disponível:[https://fenomenologiadasolidariedade.files.wordpress.com/2013/11/1308245884\\_arquivo\\_corpocomomarcaidentitariaartigo-versao-final-zelia.pdf](https://fenomenologiadasolidariedade.files.wordpress.com/2013/11/1308245884_arquivo_corpocomomarcaidentitariaartigo-versao-final-zelia.pdf)  
Acessado em 01/10/2020.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Ventos, 1997, p. 85-94 (Coleção Gênero, v.5).

EVARISTO, Conceição. Escrivências da Afro-brasilidade: história e memória. *Revista Releitura* – ISSN1980-3354, n. 23, nov. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2008.

Disponível: [https://sites.google.com/site/nossaescrevencia/proseando/SE%C3%87%C3%83O\\_PROSEANDO\\_Ensaio\\_3.pdf?](https://sites.google.com/site/nossaescrevencia/proseando/SE%C3%87%C3%83O_PROSEANDO_Ensaio_3.pdf?)

Acessado em 10/09/2020.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane e MACHADO, Charliton (org). *Mulheres no Brasil: resistência, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2009.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

FILHO, Nelson Martinellie LOPES, Michelly Cristina Alves. A escre(vivência) presente em Maria Firminados Reise Conceição Evaristo: uma análise dos contos “A escrava” e “Maria”. *REVELL: Revista de Estudos Literários*, v. 3, n. 20, p. 314-334. Campo Grande: Faculdade de Letras da UEMS, 2018.

Disponível: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3164>

Acesso em 08/12/2020.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRIEDAN, Betty. *A mística do feminino*. Trad. de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Editora Vozes, 1971 (1963).

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HANISCH, Carol. *The personal is politic*, fev. 1969.

Disponível: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>

Acesso em: 16/06/2021

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *REF: Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 464-478. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero da UFSC, 1995.

Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>

Acessado em 08/12/2020.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEMAIRE, Ria. *Passions et Positions: contribution à une sémiotique Du sujet dans la poésie lyrique medievale em langues romanes*. Amsterdam: Dodopi, 1987.

LIMA, Ana Carla da Silva e MELO, Henrique Furtado de. Em nome da violência: uma leitura de Natalina Soledad, de Conceição Evaristo. *REVELL: Revista de Estudos Literários*, v. 10, n. 20, p. 298-313. Campo Grande: Faculdade de Letras da UEMS 2018.

Disponível: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3140>  
Acessado em 08/11/2020.

MONTEIRO, Liliane Nogueira. A representação da mulher negra na Literatura Brasileira. Trânsitos pós-coloniais e decolonialidade de saberes e sentidos. In: *X Simpósio Linguagens e Identidades da Amazônia Sul-Ocidental. VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"*, 2014.

Disponível: <https://periodicos.ufac.br/index.php/simposiufac/article/view/1010>  
Acesso em: 08/05/2020.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira e PINHEIRO de SOUZA, Taise Campos dos Santos. Escritoras subalternas negras: por que incluí-las nas aulas? *Revista Fórum Identidades*, v. 19, p. 13-32. Itabaiana: GEPIADDE da UFS, 2015.

Disponível: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/download/4800/4023>  
Acessado em 10/09/2020.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira e PINHEIRO de SOUZA, Taise Campos dos Santos. Escrita de autoria feminina negra: reflexões sobre sua importância e inserção no campo educacional. In: *I Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio*, ocorrido de 17 a 19 de maio de 2012 na Universidade do Estado da Bahia, Campus - II, Alagoinhas - BA. Africanias

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFVIG, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *Fundamentos do texto literário*, 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2013.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. *Leitura*, n. 18, p. 87-95, 2º semestre. Alagoas: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAL 1996.

Disponível: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6825/5409>  
Acessado em 11/09/2020.

XAVIER, Elódia. O Corpo a corpo na Literatura Brasileira: a representação do corpo nas narrativas de autoria feminina. In: BRANDÃO, Izabel e MUZART, Zahidé L. (org.) *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. 560 p.

XAVIER. Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Recebido em 27/01/2021

Aceito em 23/10/2021